História do Piauí

Uma Questão Ética

Os historiadores piauienses, propositadamente, desconsiderando o extermínio das nações indígenas, ocorrido no último quartel do século XVIII, na territoralidade piauiense, como fato histórico.

Esta aparente ingenuidade faz parte de uma estratégia elaborada para fazer desaparecer as aspirações de pesquisadores novos, interessados no legado cultural remanescentes das nações indígenas exterminadas.

Para os historiadores piauienses, a história do Piauí tem o seu início com o processo civilizatório promovido pelo homem branco. O enredo dessa narrativa conduz à origem da propriedade imobiliária privada, alicerçada na fazenda-criatório, fonte geradora de poder econômico e político. A luta pela posse e uso da terra no Piauí, na versão apresentada pela historiografia, foi fomentada pelos índios, homens "bárbaros e depredadores", que investiram contra as fazendas-criatórias dos homens brancos, dizimando os rebanhos de gado vacum e cavalar. Pelo sistema jurídico vigente à época, a propriedade imobiliária era exclusividade dos homens brancos, a posse imemorial dos índios não tinham nenhum amparo legal.

Fazer usar uma reflexão crítica dessas informações é uma questão ética. Nenhum historiador lúcido e íntegro pode fugir à obrigação moral de perseguir as causas motivadoras do extermínio das nações indígenas e, dentre elas, reconhecerá a origem espúria da propriedade imobiliária privada. Defronta-se-á como a inversão de valores ardilosamente inseridas nos ensaios dos antropólogos míopes, destros manipuladores de consciências.

A verdade histórica a ser investigada, anterior ao processo civilizatório desencadeado pela cultura européia ocidental no território piauiense, é bem diferente da versão registrada pela historiografia.

As nações indígenas, exterminadas pelos brancos nas lutas pela posse e uso da terra, não eram nômades e coletoras. Os constantes deslocamentos registrados pelos cronistas franceses, em seus diários de viagem, não eram impostos por circunstâncias climáticas ou por escassez de frutos silvestres, representaram recuos e avanços das nações indígenas forçados pela penetração dos exterminadores brancos, que rebuscavam estrategicamente fixar as fazendas de criação de gado vacum e cavalar no território da Capitania.

A cada fazenda-criatório fixada à força, para posterior legitimação, através do artifício da concessão de uma carta de data e sesmaria, corresponde a um ato de barbárie praticado pelos brancos sequiosos de poder econômico e político.

O mapeamento etnográfico das nações indígenas, na territorialidade piauiense, possibilitará o resgate da herança cultural que dois séculos de dissimulação forjada pelas classes conservadoras não fizeram desaparecer.

Na verdade, o resgate da herança cultural das nações indígenas piauienses representa a possibilidade de uma redifinição dos usos e costumes resultantes do processo civilizatório europeu.

Toda política cultural consequente é revisionista. É por uma questão de ética, já é tempo dos historiadores piauienses tirarem a máscara.

Torquato? Pai do Tropicalismo

O maior compositor do movimento tropicalista, Torquato Neto, pintou semana passada, numa revista semanal, ao lado de Caetano Veloso e Gilberto Gil. O repórter esqueceu um dado muito importante. Não foi Caetano Veloso o responsável pelo movimento com "Alegria, Alegria". O poeta Torquato Neto foi quem fez acontecer o momento mais marcante do tropicalismo, através da antológia canção "Geléia Geral," quando cantou em versos que o poeta desfolhava a bandeira, enquanto a manhã tropical se iniciava entre o verde e os mares. É preciso pesquisar todo o movimento da tropicália para não esquecer e cometer um erro histórico. Os maiores pesquisadores de música popular brasileira sabem que Torquato Neto é o pai do movimento. Os baianos Caetano e Gil já pegaram o bonde andando.!

É preciso ficar sempre atento. O Piauí talvez seja mais Brasil do que o sul maravilha que se alimenta de uma cultura importada pelo colonialismo.

Torquato Neto, pai da tropicália

O ESTADO cultural

Colaboraram neste suplemento: Paulo Machado, Hermínio Bello de Carvalho, Wander Piroli, Luciano Maia, Magalhães da Costa, William Melo Soares, João Luiz Marques, José Ribeiro e Silva, Álvaro Pacheco, Dora Parente e Edmilson Caminha Jr.

POESIA

FEITIÇOS DO CORAÇÃO

José Ribeiro e Silva

Nuvens esparsas num céu de chumbo
levem para as distâncias
do infinito astral
meus gritos
e penares
no canto
do ego
meu... que soluça gozando de amor.

Mas tragam do ventre da amplidão
num dilúvio de beijos
as musas estelares
e ninfetas
da magia
d'alma
que... escraviza as dores do poeta.

Ó pagés das sombras
façam rufar os mil tambores
e dissipar as nuvens em tempestades
de sóis
e clarões
multifacetados
... em feitiços do coração.

1º POEMA DA SÉRIE MENINOS DE RUA

Meninos de rua
infância louca, varrida
fraternidade ao vídeo
vício

2º POEMA DA SÉRIE MENINOS DE RUA

Meninos de rua
morrem na vida bem cedo
fera drogada sem nome
lambendo os restos do dia

(William Melo Soares)

MÚSICA

Álvaro Pacheco

Silêncio
silêncio absoluto:
que ninguém veja
este som
puro e imortal.

(Do livro Itinerários, Artenova)

VIRGÍNIA

Virgínia vagueira
a vida
voando em sonhos
sonhados

No seu cavalo
alado
passeando nas estrelas

Umidia Virgínia viu
as estrelas em disparadas
correndo em busca do nada
ou buscando o respirar.

(João Luiz Marques)

Estante de livros

INFANTO-JUVENIS

Já se encontram em nossas livrarias, para o leitor infantil, a 1ª edição dos livros: "Os Três Incríveis", de Stella Carr, "Tico-Tico no Sofá", de Flávia Muniz, ilustrações de Cláudio Atílio, "A Vaca no Telhado", de Giselda Laporta Nicolelis, ilustrações de Carlos Édgar Herrero, e "A Caixa Maluca", de Flávia Muniz, este ilustrado por Paulo Tenente, todos os volumes integrantes da coleção Girassol. São textos de fácil leitura, que muito ensinam às nossas crianças. Também chegou "Agora Estou Sozinha", de Pedro Bandeira, destinado a meninos maiores ou jovens, acompanhado de ficha de leitura, volume que faz parte da coleção Veredas, todos da Editora Moderna (Rua Afonso Brás, 431 Cep 04511 São Paulo), para onde podem ser solicitados caso você, leitor, não encontre no comércio livreiro.

EXCELENTES CONTOS

Pela Record, a antologia organizada pelo crítico Fábio Lucas, "Contos de Repressão", reunindo histórias de Deonísio da Silva, Flávio Moreira da Costa, Garcia de Paiva, Ivan Ângelo, Júlio Borges Gomide, Manoel Lobato, Mafra Carbonieri, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Ricardo Ramos, Rubem Fonseca e Wander Piroli, todos grandes nomes da constística brasileira, retratando um mundo de sufuco e de violência, em narrativas de excelente nível. Outro volume que merece a atenção do crítico é este da Companhia das Letras, que lançou no Brasil, pela primeira vez, a americana Dotothy Parker, com suas histórias de Nova York, intituladas de "Big Loira", sem dúvida alguma, uma reunião de narrativas do melhor quilate, e bem traduzidas por Ruy Castro.

ESCRITOR JAPONÊS SUICIDA

Pela Guanabara, "Mishima ou a visão do vazio", de Marguerite Yourcenar, ensaio sobre a vida, a obra e o suicídio do grande escritor japonês considerado como um dos maiores dos últimos tempos e que levou a literatura ocidental para aquele país, com seus escritos. Para quem gosta de ensaios este não deve deixar de ser lido, tratando-se, como se trata, de obra da grande Marguerite Youcenar.

LIVRO DE ORIENTAÇÃO

Com o título de "Como Orientar seu Filho", saiu o vol. 3 da coleção Bem Viver, da Editora Francisco Alves. Seu autor: Fraçoise Dolto. Muitas questões respondidas por importante psicanalista sobre os problemas de pais e filhos, em cartas de leitores e interessados. Leitura que se faz sem cansar.

MITOLOGIA GREGA

Pela Vozes, acaba de cair do prelo o III volume de "Mitologia Grega", de autoria do Prof. Junito de Souza Brandão, um dos estudiosos do antigo mundo.

O ESTADO cultural

Suplemento de O ESTADO — Teresina, 20 de março de 1988 — Não pode ser vendido separadamente

A arte de Dora Parente

Projeto Pixinguinha no Piauí

Teatro com nova temporada

Mestre Dezinho, vôo certeiro

O desenho de Dora Parente

ARQUIVO PUBLICO DO PIAUÍ
Rua Coronel Pedro Nolasco, 1016
64.000 – Teresina – PI

O ESTADO
Piauí, 20-03-1988

CRÍTICA

Theatro 4 de Setembro, o palco das estrelas

Ninguém imagina o que será do teatro este ano. Nenhum crítico, ator, produtor ou dono de casa de espetáculos saberia traçar um perfil da próxima temporada teatral. Nem mesmo as antenas oficiais da Secretaria de Cultura — tem força suficiente para captar os primeiros sinais dos mil projetos arquitetados nos corredores do Theatro 4 de Setembro. Quem está dominando essas informações, é o jovem Airton de Sousa Martins, 33 anos, diretor da Casa de Espetáculos, que penetrou nas entranhas da dramaturgia piauiense na década de 70, como ator e produtor. Foi Airton Martins quem abriu os olhos das empresas da cidade verde para um bom negócio institucional: o investimento em

teatro. Uma fórmula que dá às empresas o prestígio de bem intencionadas com a cultura e, a Airton de Sousa Martins, o status do homem mais assediado pela gente que faz teatro. Uma espécie de mecenas ou Robin Hodd das artes, aval que rejeita e desaprova. Ele é avesso a badalações, arredio às entrevistas e reportagens. O projeto de Airton Martins, aprovado pelo também fervoroso defensor da cultura brasileira, secretário de Cultura, Israel Correia, traça nada menos que trazer ao palco do Theatro 4 de Setembro, peças que estão em cartaz no Rio e São Paulo. "Eu te Amo" de Arnaldo Jabor, com Bruna Lombardi e Paulo José, e "Dona Doida", com Fernanda Montenegro, com direção do premiadíssimo Naun Alves de Sousa, além de outras que estão em cartaz pelo país. O Theatro 4 de Setembro, abre com chave de ouro suas cortinas e desce o pano, com a participação dos maiores nomes da dramaturgia brasileira.

A vocação do lirismo

A poesia trilha muitos caminhos, veredas e atalhos. Por esses atalhos da busca lírica da expressão, encontramos um sabor a confissão secreta, a um despojar-se, a uma catarse — por dizer assim — reveladora de minudências que contêm grandezas: a poesia de Aila Sampaio. A sua vocação de refletir-se, em plenitude, nos objetos circundantes — palpáveis ou abstratos — e extrair deles uma potencialidade lírica em comunhão com a ânsia de liberdade é evidente em sua expressão poética. Uma ânsia que bem pode traduzir-se em desejo lúcido de participação nos embates da Humanidade por mais humanidade, por mais luz. Uma ânsia que faz sabedora das mortes que morreremos cotidianamente, em demanda do caminho que conduz à vida lá fora, a vida que tem de ser:

"Morro secretamente
e sem explicação;
Encontro-me todos os dias
e, diante de mim,
descubro que não me
pertenço".

O livro de estréia de Aila Sampaio nos apresenta cinquenta poemas. Podemos afirmar, sem receio de enganarmos, que cada um desses poemas traz uma clara, transparente marca pessoal da autora, o que já é suficiente para quem principia pelo terreno literário. Mas há ainda que louvar-lhe a fecundidade lírica dos seus poemas, que refletem um estado de permanente inquietação diante das coisas do (deste) mundo, num inequívoco desejo de remissão da pessoa humana, numa crença indisfaçável no poder do sonho do ser humano.

Aila se dá conta da importância e do peso de cada palavra na composição do poema e isso nos oferece, desde o seu primeiro livro, a certeza de que a autora não incorre no equívoco de muitos jovens poetas que, embora pródigos em palavras, carecem da consistência da tessitura poemática, assim como do brilho — da parábola ou da metáfora, indispensáveis à poesia.

Aila percorrerá, com certeza, os seus caminhos, veredas e atalhos, em busca da alma da poesia, cuja silhueta já se desenha em cada poema desde Desesperadamente Nua. De parabéns, Aila, pela sua decidida vocação lírica e pela valiosa contribuição à moderna poesia do País do Ceará.

OPINIÃO

Dora Parente: uma pintora sem limites

A artista plástica piauiense, Dora Parente, radicada no Rio de Janeiro há anos, famosa e ganhadora de vários prêmios, menção honrosa e medalhas de bronze e prata, no Salão Nacional de Belas Artes, pode dar-se ao luxo de brincar com as cores. Seus quadros atravessaram os porões dos estrangeiros e estão espalhados em qualquer parte do universo. Quem duvidar, que dê uma passadinha na galeria de artes da Casa de Cultura Artes e Trastes, coordenada por José Elias Arêa Leão, Nonato Oliveira e Ana Maria. Ali estão expostos alguns quadros da pintora maior, Dora Parente. Ela está na fase dos deuses do erotismo, através das telas com imagens de cavalos e a nudez feminina, pode-se observar o desempenho desta grande artista das cores, que pinta desde a infância. Sobre a grande arte de pintar Dora Parente revela: "Vivo numa busca incessante para aprimorar o meu trabalho, embora um tanto insatisfeita, sentindo uma arte imperfeita, vou por aí a fora numa caminhada ininterrupta em busca de aproximar-me da perfeição Pinto um simbolismo claro para todos, recorro ao desenho e à pintura como uma forma de desabafo. É nele, que jogo a maior parte das minhas energias. Pintando me encontro comigo mesma. Sou absoluta, não tenho leis que determinem o meu limite. Não tenho grilhões. Pinto o que quero, o que sinto. "Dora Parente, presença marcante no Estado Cultural, através do seu traço belo e inconfundível.

Dora Parente, a arte sem limites

Projeto Pixinguinha no Piauí

Dez anos depois, entendo que a continuidade do Projeto Pixinguinha é a maior prova de sua vitalidade. Deixei-o há cerca de oito anos, ainda engatinhando na região Sul do País. Seu alastramento, levando nossa música a toda a parte do Brasil, foi tarefa de uma competente que lhe aperfeiçoou os mecanismos, ampliando-lhe a ação cultural. E o projeto foi criando similares à sua passagem, descobrindo valores e promovendo-lhe a circulação dentro do seu circuito. Despejada no Pixingão essa produção emergente e permanente lutando com as dificuldades do fazer cultural bastante típico no Brasil, o Pixinguinha — continuo dizendo — é só aparentemente um macroprojeto, porque na verdade as carências detectadas no mercado de trabalho são gigantescas. A formação de platéias, feita através do subsídio, não ao empresariado, mas ao espectador, é talvez a grande lição que o projeto tem oferecido a todos aqueles que, à sua semelhança, buscam fixar a identidade musical brasileira através do objetivo principal do projeto: socializar o bem cultural, promovendo sua circulação e, como na célebre canção, fazendo o artista ir aonde o povo está. (Hermínio Bello de Carvalho).

APORTANDO EM TERESINA

O Projeto Pixinguinha, aportará na cidade verde, com apresentações no Theatro 4 de Setembro, sempre, às seis e meia, com os maiores nomes da canção popular brasileira, a partir de julho, com apoio da Funarte, Secretaria da Cultura e Fundação Cultural do Piauí. Em cada apresentação, os artistas piauienses participarão, mostrando sua música e suas raízes. As inscrições para o artista da terra, já estão abertas, no DAC, na sede da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo. O Projeto Torquato Neto, sob coordenação da cantora Ana Miranda e Sônia Setúbal, acompanhará de perto tudo sobre o Projeto Pixinguinha.

Mestre Dezinho: louvado com os 20 anos de arte

Aberta na Galeria de Artes do Theatro 4 de Setembro, a Exposição 20 Anos de Arte de Dezinho de Valença, o consagrado mestre Dezinho. A Exposição foi distribuída em vinte e nove peças, todas bem trabalhadas em madeira: anjos, paixão de cristo, santa ceia e presépios fazem o brilho e a conquista de mestre Dezinho de Valença. A exposição foi aberta pelo governador do Estado, Alberto Silval, secretário de Cultura, Israel Correia, Débora Veloso, coordenadora da Galeria de Artes do Theatro 4 de Setembro, mestre Dezinho, que contou com a presença de intelectuais, artistas plásticos e autoridades culturais e o povo teresinense Débora Veloso, coordenadora da Galeria, revelou que ficou muito feliz e achou muito positivo o comportamento do público. Mestre Dezinho ficou emocionado e disse que a abertura oficial de sua exposição foi a melhor de todos os tempos porque o público escancarou as portas da galeria e foi louvar o seu mestre maior. O esquema da venda das peças de mestre Dezinho ficou a cargo de uma equipe competente, criada pela coordenadora Débora Veloso. Mais de 500 pessoas prestigiaram a obra de Dezinho de Valença.

DEPOIMENTO DE MESTRE DEZINHO

— Quantas peças já fiz? Duas mil, três mil, não contei não. Agradeço a todos que dão valor à minha obra, mas eu tenho um mistério meu, é que não quero deixar nenhuma peça em casa, para evitar recordações da família. E também porque o povo cai em cima e é capaz de minha mulher ficar perturbada... O meu ideal é deixar a família amparada. Luto muito para isso. Considero cada peça que faço com um ser meu, um filho que dou para outra pessoa zelar. Fico feliz em saber que minhas peças estão em muitos lugares diferentes.

Débora Veloso, coordenadora da galeria de artes do Theatro 4 de Setembro, Israel Correia, secretário de Cultura, Airton Martins diretor do teatro e mestre Dezinho, emocionados com a presença do povo, na abertura oficial da exposição.

CONTO

A clarineta

— Você será um músico quando sentir o instrumento como parte do seu próprio corpo. Não mais de ferro e madeira, mas de nervo e músculos.

As notas de uma valsa antiga tomavam todo o casarão, deslizavam pelo corredor, ocupavam os quartos, chegavam aos arabescos da sacada. Na sala, um diploma amarelado da Ordem dos Músicos. A foto:

— Seu filho?

— Não, não. Nunca me casei. Um aluno, doze anos, novinho assim como você... Faz tempo. Abandonou a música, casou-se. Ainda ontem o encontrei na rua, virou o rosto, fez que não me viu. Acho que ele nunca me entendeu.

— Assim não, meu filho. Copie a partitura com amor, com carinho. Desenhe as notas lentamente, cuidadosamente. Ouça o que elas querem

lhe dizer, bem baixinho, ao seu ouvido.

A morrinha do cigarro, os pêlos grandes das narinas, o hálito morno na orelha. Asco.

— A clarineta, o senhor ainda tem?

— Não me chame de senhor. Não sou assim tão velho... Tenho, sim, mas há muito tempo não a toco. Está lá por dentro, na caixa. Nem gosto de vê-la, me traz muitas recordações, o tempo em que era jovem, forte, bonito, em que vivi meus grandes amores. Nunca mostrei pra ninguém, mas pra você eu mostro. Venha.

Edmilson Caminha Jr

Par ou ímpar

O homem foi entrando na frente e a mulher atrás. O homem era miúdo e de nariz imenso e a mulher era imensa e devia estar esperando no mínimo um filho.

Sentaram-se na última mesa, perto do reservado. O homem olhou para os lados: os dois se ergueram e sentaram noutra mesa. Era de manhã, não havia ninguém no bar.

O homem perguntou o que a mulher queria. A mulher estava olhando para a parede. O homem então pediu ao garçon cachaça e chope. O homem falou com a mulher, a mulher continuou com o rosto muito vermelho voltado para a parede. O homem tomou um gole de cachaça, acendeu um cigarro lento e meticuloso, e ficou olhando calmamente a mulher que olhava para a parede. Na parede branca não havia nada sequer um risco, que pudesse despertar a atenção, mas a mulher mantinha o olhar fixo na parede como se ali houvesse muita coisa para ser olhada. O homem bebeu o resto de cachaça, pôs demoradamente o cigarro no cinzeiro e repôs os dois olhos em todo o rosto vermelho da mulher.

O homem tornou a falar. E depois de falar algum tempo, acendeu correto outro cigarro e, sem perda de tempo mas também sem pressa, continuou falando muita coisa. A mulher continuava apenas interessada na parede,

com o rosto agora um pouco mais vermelho, porém parado, e com as mãos gordas pousadas entre as pernas. O homem sempre falava apenas com os lábios, entreabrindo-os ligeiramente, e não se permitia o menor sinal de impaciência pela atitude da mulher.

Afinal, o homem se calou. Sem desviar os olhos, foi deslizando a mão pela toalha até assentá-la no grande ventre da mulher. Aí a mulher começou a soluçar, sacudindo todo o corpo sem ruído. Após soluçar bastante, a mulher voltou o rosto vermelho da parede e aos poucos foi fitando o homem que a esperava com uma nesga de sorriso.

Enquanto a mulher se esforçava para enxugar as lágrimas mas com as costas da mão, o homem pôs alguns vinhetos em cima da mesa e retirou-se por sobre as mesas vazias.

Wender Piroli

ARQUIVO PÚBLICO DO PIAUÍ